

# O Remuniciamento do GRUPO

Pelo Major Amangá Liberato de Castro Menezes  
Instrutor da E. E. M.

*Recomendamos este trabalho à meditação e ao estudo dos nossos leitores.*

*O Major Amangá, teve a virtude de reunir, em poucas linhas, os pontos essenciais do importante problema do remuniciamento no grupo de Artilharia.*

- I — Generalidades
- II — Os meios de remuniciamento
- III — Mecanismo de remuniciamento
- IV — Pedidos de munição
- V — Ordem de remuniciamento

## I — GENERALIDADES

O remuniciamento do Grupo é regulado pela A. D. em ligação com a 4.<sup>a</sup> seção.

O remuniciamento das Bias. de tiro é feito no Gr. por meio da C. L. M.

A C. L. M. dispõe de uma dotação em munições, variável com a natureza do material, e cujo nível deve ser mantido pelo Cmt. do Gr.. Seus pedidos de recompletamento devem ser feitos em tempo para que possa realizá-lo no fim da jornada e eventualmente no seu decorrer.

Esta dotação inicial corresponde estimativamente às necessidades de apôio que o Gr. deve proporcionar nas fases de progressão profunda. Se porém a operação exige da Art. grande atividade, isto é, ação contínua e prolongada, esta munição é deficiente havendo necessidade de estabelecer depósitos suplementares junto às P. B.

Esta munição suplementar vem especificada na ordem do escalão superior onde prescreve:

- a quantidade de munição a depositar nas P.B.
- como, quando e onde receber esta munição.

A entrega desta munição pode ser feita diretamente às Bias., ou nas Est. ou Centros de remuniciamentos ou Pontos de Baldeação.

- no 1.º caso.

Para armazená-la nas P.B. o Gr. providencia a **construção dos nichos e depósitos de munição**, e regula as condições de circulação, repartição e descarga.

**Nichos** — São abrigos construídos nas sapas ou nos próprios espaldões ao alcance imediato da guarnição das peças. Estes abrigos devem ser revestidos de papelão alcatroado afim de preservar a munição da humidade e poeira e afastados um do outro de cerca de 1 a 4 mets.. Deve haver nichos distintos para os projétis e espoletas e para as cargas de pólvora se os projétis comportam manuseio de carga nas P.B.

**Depósitos** — São abrigos construídos a retaguarda das P.B. (50 a 100 metros destas). Eles devem ficar separados para que os efeitos de destruição sôbre um não venha atingir os depósitos vizinhos.

- no 2.º caso.

A C.L.M. reforçada ou não, operará como um meio de transporte sendo então apenas necessário que o Cmt. do Gr. — regule seus deslocamentos, isto é:

- local e hora em que devem receber a munição
- itinerários e regras de circulação
- mão de obra necessária (se fôr o caso).

## II — OS MEIOS DE REMUNICIAMENTO

Como vimos anteriormente, o Gr. dispõe para execução do remuniciamento, da sua C.L.M. que pode ser reforçada com meios orgânicos ou suplementares.

**a) Capacidade dos meios**

A munição no Gr. está repartida entre as Bias. e a C.L.M. Os órgãos das Bias. transportam cerca de 1/2 a 1/3 de U.F. conforme o material, órgãos êstes que, em condições especiais podem reforçar as C.L.M.

As C.L.M. transportam 1/2 U.F., podendo esta ser aumentada para 1 U.F. se utilizam viat. auto.

As C.L.M. se compõem de dois escalões: um de viat. regulamentares onde a munição é transportada em alvéolos pronta para o emprêgo e outro de viaturas de requisição onde a munição é transportada com suas embalagens de origem. As C.L.M. dos materiais pesados (150 e 155) não dispõem de 1.º escalão.

O número de viaturas das C.L.M é variável com a capacidade dos meios de transporte. Em geral utiliza viaturas hipo para 0,8 T. e viat. auto para 3 ou 4 T.

**b) Possibilidade dos meios**

A possibilidade das C.L.M se caracteriza pelo percurso médio diário que as viaturas podem realizar e a sua velocidade horária.

Viat. hipo — p.m.d. — 20 a 25 kms. — vel. horária de dia 4 kms., de noite 2 a 3 kms.

Viat. auto — p.m.d. — 80 a 100 kms. — vel. horária 10 a 12 kms. de dia — 5 a 6 kms. de noite.

Salvo nas situações estabilizadas deve-se evitar ao máximo os movimentos retrógrados das colunas.

**c) Mão de obra.**

Sob êste título abordaremos os meios em homens necessários a carregar ou descarregar uma C.L.M. e o tempo gasto na sua execução.

Êsses dados são:

Viat. hipo de 0,8 Tn. — Mão de obra, 2 homens por viat. (condutor e ajudante).

Tempo de carregamento — num Centro ou Estação de remuniamento 15 a 20'; num Ponto Baldeação 30 a 40',

— A operação pode ser repetida pelos mesmos elementos até 3 vezes na jornada.

Viat. auto de 3 a 4 Tn — Mão de obra — 4 a 5 homens por viat. (motorista e ajudante).

Tempo de carregamento. — Nos Centros ou Est. Remuniciamento 20' nos Pontos Baldeação — 45' a 1 hora. A operação pode ser repetida até 3 vezes na jornada.

### III — MECANISMO DO REMUNICIAMENTO

Encaremos separadamente o mecanismo nas fases de movimento, ataque e defesa.

**a) nas fases de movimento** (preliminares do combate, aproveitamento do êxito, perseguição e retirada).

**O remuniciamento das Bias.** se processa por intermédio da C.L.M.. Esta se desloca por lances e em constante ligação com o Cmt. do Gr.. O remuniciamento se faz ou por transbordo da munição ou por substituição das viat. (caso do escalão de viat. regulamentares) à ordem do Cmt. do Gr.

**O remuniciamento do Gr.** se faz nos órgãos divisionários (S.M.A.) ou excepcionalmente nos órgãos de C. Ex. ou Ex. (Centros ou Est. remuniciamento ou pontos baldeação). Seu mecanismo é regulado pelo escalão superior, que especifica: o crédito de munição, local e hora do remuniciamento e condições de circulação.

**b) no ataque** — A munição do grupo é deficiente para uma operação potente e prolongada havendo por conseguinte necessidade de estocar munição.

Esta estocagem é escalonada e comporta:

— uma parte junto as P.B. (nichos e depósitos) e que comporta a munição necessária (com certa margem de segurança — 10 a 20 %) a execução da 1.<sup>a</sup> fase, isto é, até o momento em que há necessidade do deslocamento do material para prosseguimento da operação;

- outra sôbre rodas (C.L.M.) e que constituirá o 1.º escalão de remuniamento das Bias. nos deslocamentos;
- em depósitos ou sôbre rodas a retaguarda (a mais de 10 Kms de frente) e que vão constituir os créditos para os remuniamentos futuros.

no grupo o mecanismo comporta:

- o estoque junto as P.B. ficando a C.L.M. cheia. (Regulado pelo escalão superior).
- o deslocamento da C.L.M. logo que o material se desloque para remuniar as Bias. nas novas posições (a regular pelo Gr.).
- o recompletamento das C.L.M. após o remuniamento das Bias. (regulado pelo escalão superior).
- a recuperação da munição dos nichos e depósitos do P.B., saldo da 1.ª fase, a cargo do escalão superior (D.I. ou C. Ex., competindo ao Gr. indicar o nível e situação destes depósitos.

c) **Na defesa** — Como para o ataque, a munição do Gr. é deficiente para a defesa, havendo necessidade de, a todo custo uma P.R. efetuar o estacionamento das munições na frente.

Êstes estoques são largamente escalonados:

- junto às P.B. (nichos e depósitos), em nível que não deve ultrapassar cêrca de 5 U.F. ficando as C.L.M. parcial ou totalmente vazias.
- depósitos a retaguarda, com maior escalonamento, tendo em vista a previsão de um retraimento no caso de ruptura da P.R. Êstes depósitos ficarão em condições de restabelecer o nível da munição nas P.B.
- dentro da jornada.

No grupo o mecanismo comporta:

- a munição a estocar junto as P.B. (reg. pelo escalão superior).

- a previsão de recuperação da munição pela C.L.M. no caso de um retraimento, e seu ponto 1.º destino.
- o remuniamento das Bias.
  - nas suas P.B. (recompletamento de munição consumada nas novas P.B. (caso do retraimento).

#### IV — PEDIDOS DE MUNIÇÃO

O Cmt. do Gr. regula o consumo de munição de suas Bias., e providencia para que, no fim de cada jornada, seja recompletada o seu estoque. Para isso encaminha seus pedidos de munição ao Cmt. da Ag. ou A.D. no qual consigna a munição consumada, a existente e a necessária para o recompletamento.

A C.L.M. tem um carregamento tipo, isto é, contendo as diferentes espécies de projétis, espoletas e estupilhas em determinada percentagem. No entretanto, dada a missão do Gr. pode haver necessidade de modificação desta percentagem e mesmo a inclusão de projétis de emprêgo especial que não fazem parte de sua dotação normal.

Estes pedidos devem especificar os projétis e espoletas em quantidade e qualidade.

O quadro abaixo dá, para os diferentes materiais o carregamento tipo de suas C.I.M.

Materiais	PROJÉTIS			ESPOLETAS c/100 proj.			Estupi- lhas	Observações
	Shr.	G. aço	G. Fa.	int.	duplo ef.	C.R.		
75	20%	55%	25%	90	20	20	130	
105	25%	50%	25%	90	20	20	130	
150	—	50%	50%	120	10	100	130	
	—	—	—	20	10	—	—	

cebendo informações através de modernos aparelhos rádio-telefônicos, olvidando por vezes que a moto-mecanização das forças de um povo, cuja indústria pesada e petrolífera é um pouco mais que promissora realidade, terá que ser metódicamente realizada.

Como duvidar, pois, da eficiência da nossa Cavalaria atual sem incorrer em grave erro de psicologia? As razões são assaz fáceis de perceber.

Uma reação vigorosa impõe-se e não faltará, por certo. Inerme, tornar-se-á qualquer arma cujos componentes descreiam da sua força e do seu valor na refrega.

Ineficaz, será qualquer tropa que tenha sido instruída sem élan e sem convicção.

Antiquada, não será por certo uma Cavalaria que procure aliar os recursos de que dispõe aos novos meios de combate lançados pela indústria e sim qualquer arma cujos problemas os técnicos abandonassem sem esforço para os solucionar.

Inútil, não é por certo o cavalo que não foi sequer substituído entre nós e sim o impatriótico derrotismo de quem por desgraça esquecesse que a força moral, alicêrçada na confiança e na vontade de vencer, constitue o grande fator da vitória.

E' absurdo que se duvide da eficiência da Arma quando nos compete inculcar ao soldado a mais absoluta confiança no poder do seu armamento. Claro está, ninguém diz isso ao soldado, mas ouve-o muitas vezes o jovem tenente, o nível aspirante e o soldado indiretamente vai sofrer a influência de um pessimismo latente, haurido no desânimo que aquelas considerações infundadas gerarem n'alma do seu instrutor, que julgou ver tantas vezes de um só golpe, cerceada as ilusões de glorioso poderio de que sempre imaginou dotada a sua Arma!

Na carga, o recruta terá a impressão de um galopar frouxo e sem finalidade ao em vez de sentir desprender-se-lhe a própria alma levada na avalanche arrasadora até o choque titânico — e que constitue a expressão mesma da Cavalaria.

Não existe Cavalaria sem audácia e não há audácia que perdue sem confiança !

Já o têm dito vários mestres da Cavalaria brasileira da atualidade, a moto-mecanização virá, pelo menos no momento atual do nosso país, cooperar para o poderio da Arma alongando-lhe o raio de ação e permitindo grande mobilidade com maior potência de fogos.

Continuemos sem precipitações nem desfalecimentos a obra daqueles que nos precederam nas falanges heróicas e que souberam através os séculos adaptar a Arma a cada novo aspecto do combate, trazendo-a até os nossos dias indispensável aos exércitos de todo o mundo, — porque o espírito da Cavalaria está no arrôjo da busca de informações, no supremo risco de carregar brutalmente sôbre o adversário e — isso o cavalariano há de fazê-lo sempre, quer monte um corcel fogoso ou dirija um monstro de aço resfolegante !

Creiamos na Cavalaria tal como a possuímos hoje; desejemô-la e a edifiquemos no futuro, poderosa, motorizada e mecanizada, que as mesmas serão as suas características e missões essenciais e o mesmo espírito de dedicação e arrôjo que através os séculos sustentou o sabre do cavalariano, há de acompanhá-lo para o interior dos carros de combate !

Acima de tudo confiemos, porque o espírito da Cavalaria é eterno !